

EMIGRAÇÃO/IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL

Actas do "Colóquio Internacional
sobre Emigração e Imigração
em Portugal (séc. XIX-XX)

Comissão Organizadora

Maria Beatriz Nizza da Silva
Maria Ioannis Baganha
Maria José Maranhão
Miriam Halpern Pereira

Patrocinadores do Colóquio e da edição das Actas:

Câmara Municipal de Lisboa
Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa/ISCTE
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação Luso-Americana
Fundação Oriente
Instituto Superior de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas
Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa
Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica



© Comissão Organizadora do Colóquio sobre Emigração e Imigração e Editorial Fragmentos

Capa: Rui Teles

Fotocomposição: V. Costa, Lda.

Impressão: Riagráfica, Lda — 1993

Depósito Legal: 67109/93

Todos os direitos desta edição reservados por:

EDITORIAL FRAGMENTOS, LDA.

Rua Damião de Góis, 32- 2.º

1495 ALGÉS

Distribuição: Sodilivros, Lda.

Travessa Estêvão Pinto, 6 - A

Tel: 387 89 02/3 • Fax: 387 62 81

1000 LISBOA

CLASSE SOCIAL, FAMÍLIA E EMIGRAÇÃO.
 UMA ANÁLISE DIFERENCIAL DAS TRAJECTÓRIAS
 DOS MIGRANTES DE ORIGEM RURAL

Karin Wall

Um dos principais objectivos da sociologia das migrações, para além do estudo dos grandes fluxos migratórios e dos seus efeitos tanto nas sociedades de partida como nas de chegada, tem sido a análise das motivações e dos projectos dos migrantes. Porque partem, quais as suas expectativas e aspirações, quais as intenções de regresso? São elementos importantes para compreender o processo de integração dos migrantes nas sociedades para onde vão, e também a reorganização da vida familiar e social nas comunidades de origem.

O emigrante de origem rural em Portugal também tem sido estudado deste ponto de vista. É assim que vários autores referem a importância, para os emigrantes de meios rurais, do projecto de "regresso" à aldeia (Descamps, 1935; Rocha Trindade, 1976; Wall, 1985; Monteiro, 1985; Nave e Reis, 1986; Brettell, 1986). Outras características são consideradas como mais ou menos "típicas" do migrante de origem rural: deixa frequentemente a família no país de origem, tem um projecto mais "urgente", cria laços de solidariedade e redes de apoio para familiares e amigos na viagem e na comunidade de chegada.

Nesta comunicação gostaríamos de contribuir para a sociologia da emigração rural através de uma análise *diferencial* dos migrantes de origem rural, nomeadamente do Baixo Minho. O nosso ponto de partida é o seguinte: ao contrário do que sugerem muitos estudos da sociedade rural minhota, não se trata de um meio social homogéneo. São comunidades atravessadas por diferenças de classe social e por uma variedade de formas familiares. Assim sendo, procuraremos ver como é que estes factores afectam especificamente as aspirações e os percursos dos migrantes. Situámo-nos no contexto dos movimentos migratórios dos anos 60 e 70, em duas aldeias do concelho de Vila Nova de Famalicão.

Trata-se de uma aproximação qualitativa que se baseia na análise das trajectórias profissionais e familiares de migrantes que ocupam situações de classe diferentes no local de origem. Nesta comunicação iremos distinguir três situações de classe: a de "lavrador", a de "camponês parcial" e a de "proletariado" sem terra.

Estas três situações de classe representam, nos anos cinquenta e inícios dos anos sessenta, uma proporção importante das situações de classe nas aldeias em estudo. O *Quadro 1* mostra as situações individuais de classe da população adulta de mais de 18 anos numa das freguesias estudadas. Podemos constatar que dois terços da população se encontram em situações ligadas à agricultura. 66 são camponeses ricos que possuem mais de 3 hectares de lavradio e revelam uma capacidade de reprodução alargada das explorações agrícolas; 95 são camponeses pobres, quer dizer caseiros ou muito pequenos proprietários; 47 são camponeses a tempo parcial, que combinam a actividade agrícola com outras actividades no exterior da exploração; e 194 são assalariados agrícolas. No sector secundário, que representa 12,2% das situações de classe, a população adulta trabalha maioritariamente na construção civil e em duas pedreiras de granito.

Quadro 1
 Situações de classe, Freguesia n.º 1, 1963

	N	%
Pequena burguesia técnica e de enquadramento	3	0,5
Pequena burg. independente (trab. independ., comerciantes etc.)	69	11,4
Campeinato		
Camponeses ricos (lavradores)	66	10,9
Camponeses pobres (caseiros, peq. prop., etc.)	95	15,7
Campeinato parcial	47	7,7
Assalariados agrícolas	194	32,0
Trabalhadores não-qualificados dos serviços	7	1,2
Assalariados do secundário		
Trab. qualificados	3	0,5
Trab. não-qualificados	62	10,2
Trab. semi-independantes	9	1,5
Outros (reformados e deficientes)	51	8,4
Total	606	100,0

Fonte: Rol de Confessados da Freguesia n.º 1, 1963

Trajectórias de vida

Apresentamos em seguida os itinerários de emigrantes que se encontram nas três situações de classe acima referidas. No âmbito desta comunicação, não nos é possível analisar mais de que três trajectórias, consideradas como "típicas" de cada situação de classe, e por conseguinte pertinentes do ponto de vista dos objectivos da análise.

1. Trajectórias de migrantes que pertenciam no local de origem a famílias de lavradores.

José nasceu em 1944 numa família de lavradores médios que tinham sete filhos. Conta com algum rancor que os pais deram o que puderam ao filho mais velho: "Deram-lhe o terço dos dois lados e mais tarde ainda deitaram abaixo pinheiros para lhe dar mais em dinheiro". José trabalhou sempre na agricultura e aprendeu a executar e a orientar todos os trabalhos da casa. José sabia das intenções dos pais e decidiu sair para melhorar a sua situação. A ideia dele foi sempre ter uma quinta. Os pais deram-lhe o dinheiro para a passagem. Emigrou para França com 18 anos e "chamou" dois irmãos que foram ter com ele. "Foi em França que aprendi de construção civil. Fui posto como ajudante de um que traçava e quando ele saiu, fiquei eu a traçar. Na altura ganhava 600 francos, mas eu era muito, muito poupado e foi por isso que consegui comprar a quinta. Nem todos que vão conseguem. Eu acho que é uma questão de visão. Temos de saber o que queremos e temos de nos lançar sempre, senão não dá. Há pessoas que chegam e não compram tractor porque dizem que não compensa. Mas eu comprei um por 380 contos quando cheguei e foi um investimento que fiz, é melhor do que estar o dinheiro no banco, é melhor ter terra a monte do que dinheiro no banco". Passado alguns anos, pensando poder ganhar mais, José emigra para os Estados Unidos onde trabalha numa fábrica de peles; detestou o trabalho e voltou pouco depois para França. Em 1970, resolve casar. Vem à terra, aconselha-se, fala-lhe numa rapariga que ainda está solteira, filha de lavradores conhecidos duma freguesia vizinha. José e Maria casam-se nesse Verão e vão juntos para França. Maria está de acordo com o projecto do marido e trabalha para o ajudar. Depois do nascimento da filha, toma a pílula para evitar ter mais filhos e poder continuar a trabalhar. José e Maria compram três hectares de lavradio numa freguesia bastante afastada das suas freguesias de origem e constroem pouco a pouco a casa e a vacaria. Em 1978,

regressam e dedicam-se à lavoura. O dinheiro que entretanto herdaram das suas respectivas famílias foi empregue na compra de máquinas agrícolas. José considera que foi tratado de "palhaço" pela família. Não está contra o terço, mas acha que devia haver um consenso, não se fazer nada sem chamar todos os filhos e estarem todos de acordo. José nunca pediu ajuda à família dele, mas "fez sociedade" com outro lavrador para comprar a máquina de ensilar milho. Em 1987, tem oito vacas de leite e faz todo o trabalho agrícola com a ajuda da mulher e da filha. Por vontade dos pais, a filha deixou de estudar e trabalha a tempo inteiro na empresa agrícola. Os pais contam com ela para dar continuidade à quinta e para continuar a viver com eles depois de casada.

2. Trajectórias de migrantes que pertenciam a famílias de camponeses parciais.

António nasceu em 1940. O pai era alfaiate e camponês parcial (um campo herdado pela mulher). A mãe, filha de lavradores, trabalhava no campo e em casa. O nível de vida era remediado. António era o segundo dos cinco filhos (quatro rapazes e uma rapariga). Como o irmão mais velho vivia em casa dos avós lavradores para ajudar, António aprendeu desde pequeno a trabalhar com o pai. Também ajudava no trabalho do campo (uma lavoura pequena, pobre) e levava as ovelhas para o monte. Frequentou a escola até a quarta classe e ficou em casa a trabalhar, embora sentisse pouca paixão tanto pelo campo como pela profissão de alfaiate. Segundo António, o pai era muito severo: marcava-lhe horas para chegar à casa, obrigava-o a trabalhar sábados e domingos e não lhe dava ordenado nenhum. António via os outros rapazes, incluindo um irmão dele, a entrar para as fábricas. Já namorava e queria casar. "Eu pensava na minha vida, não tinha ordenado, não tinha nada, o meu pai tinha aquela ideia que os filhos haviam de dar tudo aos pais, até o ordenado". Aos 23 anos, empregou-se, contra a vontade do pai, na fábrica de pneus da Mabor. Passado seis meses, o irmão mais velho, emigrante na RFA, mandou-o chamar e António não hesitou. Ia ganhar mais e não tinha de entregar o ordenado ao pai; poderia finalmente organizar a sua vida. Foi trabalhar para uma fábrica de fição, veio casar-se à terra no ano seguinte e voltou com a mulher, filha de um pedreiro, para a Alemanha. A Maria do Carmo ficou contente por emigrar: "Eu queria ir, conhecer outras terras. Nunca pensámos ficar lá para sempre. Pensámos logo em comprar esta terra e fazer a casa, e vímos depois de ter a vida organizada". O António

e a Maria do Carmo nunca pensaram viver do trabalho agrícola. A terra (5.000 m²) que compraram "é uma ajuda, porque o salário só também era difícil. É para ter um bocado de cada coisa para nós". António trabalha agora numa fábrica têxtil na Póvoa e a Maria do Carmo trata do quintal, da capoeira, do trabalho doméstico e da mãe doente que vive agora com eles. Em 1987, os quatro filhos têm 19, 18, 16 e 10 anos. O segundo filho é bate-chapas e os outros estão a estudar. Os pais gostariam que um deles estudasse, mas os filhos não têm tido bons resultados na escola e estão a pensar empregar-se. Ajudam os pais no campo quando é preciso, mas não gostam do trabalho. António diz que "até os percebe", porque ele também não gostava muito da lavoura na idade deles. Sem máquinas, "à antiga", é um trabalho escravo. Um dia mais tarde pensa repartir a terra por igual, um talhão para cada um, para os filhos poderem fazer as suas casas.

3. Trajectórias de migrantes que pertenciam a famílias de assalariados agrícolas.

Manuel nasceu em 1931 no concelho de Barcelos, de pais jornalheiros agrícolas. Eram muitos filhos, não havia pão que chegasse para todos. Os mais velhos "tinham de ir à vida" mal pudessem trabalhar. Manuel sai de casa aos dez anos para servir como criado. Conta que a primeira casa de caseiros onde serviu tinha "pouco pão". Foi durante a guerra e os patrões chegavam ao fim do ano sem pão e eram obrigados a vender vinho e animais para poder pagar a renda. Ao fim de sete anos, Manuel procurou uma casa melhor e veio servir para casa de uma família de caseiros numa freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão. Segundo Manuel, era uma casa com muito pão. Chegado à idade adulta, Manuel procura mudar de estatuto e encontra um lugar de feitor onde ganha um ordenado mais elevado. Entretanto, as fábricas situadas no lado este do concelho procuram mais operários, e o Manuel decide "tentar a fábrica" sem deixar o seu lugar de feitor. "Eu trabalhava de noite, ganhava pouco, mas pelo menos tinha outro futuro à minha frente. Na altura, as raparigas, mal a gente se empregasse na fábrica, vinham todas, olha aquele já está na fábrica". Em 1960, Manuel resolve casar e procura "alguém que o possa ajudar". Para Manuel, isto era importante, pois "o casamento não é o primeiro dia, é a vida depois que é preciso organizar, é o trabalho". Manuel tem 29 anos e Margarida, filha de uma família de caseiros, tem 23 anos. Vão ser caseiros de uma pequena quinta, e Manuel continua a trabalhar de noite na fábrica têxtil. Entre 1962 e

1973, o casal teve oito filhos. Segundo Margarida, não queriam ir contra as leis da igreja e o padre só começou a dar "outros conselhos" no fim dos anos sessenta.

São os anos de grande emigração para França. Manuel não parte para França, mas resolve "tentar a Alemanha" para ver se ganha mais algum. Vai sozinho e fica lá durante 14 anos. Trabalha num armazém onde, no fim da sua estadia, tem um acidente de trabalho que o vai deixar parcialmente deficiente numa perna.

A emigração permitiu ao casal poupar algum dinheiro. Vão empregá-lo na compra de um pequeno terreno onde constroem uma casa. Quando o Manuel regressa da Alemanha, a Margarida e os filhos saíram da quinta e estão instalados na casa nova. A Margarida já não faz pão em casa, mas ainda cultivava um campo arrendado. A filha mais velha trabalha em casa como costureira, as outras filhas são operárias têxteis, um rapaz trabalha numa fábrica de móveis e outro numa fábrica de botões. Dão todos um terço do salário à mãe para "ajudar" nas despesas da casa.

Discussão

Quando se analisam estas trajectórias profissionais e familiares, escolhidas aqui, entre muitas outras, como exemplos típicos, podemos constatar que elas se constroem à volta de valores e de práticas diferenciadas e que estas se articulam por sua vez a estratégias e a aspirações migratórias específicas.

No caso das famílias de lavradores, são quase sempre os filhos excluídos da herança privilegiada que emigram. Socializados desde pequenos ao trabalho agrícola e à gestão de pessoas e bens, partilhando um estatuto social superior e o prestígio associado à "casa" agrícola, a "ideia" deles é construir um empreendimento familiar. O investimento mais valorizado é na "terra", mas também se tenta "fazer casa" noutros ramos ou negócios. No passado era frequente investir-se em padarias ou em mercearias; nos anos setenta, pensa-se na confecção ou no comércio. Podemos falar, no caso da trajectória do José e da Maria, numa estratégia migratória que tinha uma finalidade bem definida: acumular dinheiro para investi-lo numa empresa familiar. A longo prazo, trata-se de construir a solidariedade familiar em torno do património/empresa e da sua reprodução através dos filhos que ficam em casa.

O apoio da família de origem a esta estratégia patrimonial é variável. Para além de custear a emigração inicial ou de fornecer contactos no país de destino, a família pode também ter um papel activo no regresso do emigrante, dando apoio em forma de emprés-

timos de máquinas ou dinheiro, de contactos locais, de saberes. No caso de José, este apoio foi praticamente inexistente devido ao conflito familiar relacionado com as partilhas. Nos casos em que as partilhas e os arranjos foram negociados consensualmente, é frequente encontrar trocas intensas entre os herdeiros da casa-mãe. Assim, outro emigrante que esteve na Alemanha e tem hoje uma empresa agrícola, foi ajudado no regresso pelo irmão que ficou em casa: "O meu irmão é que me ajudou muito quando eu cheguei, que eu não pensava encontrar a agricultura que encontrei. De máquinas, o que era preciso, e, assim, conselhos sobre a produção de leite... para uma ou duas coisas, o distribuidor de adubo e, assim, ainda fiz sociedade com ele, embora fosse um pouco longe". (Manuel, lavrador, nascido em 1945).

No caso do António, alfaiate aprendiz e camponês pobre, a emigração aparece também como uma oportunidade para ter uma vida economicamente independente da família. No entanto, a finalidade central do projecto migratório é "ter uma vida organizada", isto é, ganhar bem, ter uma casa própria com terra à volta para "ter um pouco de tudo", poder eventualmente dar uma educação diferente aos filhos. Trata-se, com a ajuda dos recursos obtidos na emigração, de garantir uma empresa de reprodução familiar e não um empreendimento produtivo. Neste contexto, a terra tem um significado diferente: já não é o principal meio de produção sobre o qual se constrói a coesão familiar, mas antes um meio de reprodução que se adapta às relações familiares. No fim da vida, a terra é para repartir por igual, para que todos os filhos tenham uma casa com quintal.

Finalmente, nas famílias de assalariados agrícolas, podemos dizer que a mobilidade geográfica faz parte integrante da experiência de vida do indivíduo. A família não só não oferece emprego como também não tem meios para alimentar e guardar os filhos em casa. "Vai-se à vida", procurando trabalho e "tentando" diferentes casas e empregos, muitas vezes longe da freguesia de origem. Neste contexto, a emigração dos anos sessenta e setenta surge como mais uma oportunidade "a tentar". Para os pais de família, como o Manuel, que emigraram depois dos 35 anos, representa uma oportunidade para ganhar mais e para conseguir, na altura da reforma ou um pouco antes, os meios de vida considerados como essenciais para ter um nível de vida "remediado": uma casa própria com ou sem quintal, por vezes um carro, uma pensão.

O apoio da família de origem é aqui diferente da ajuda fornecida pelas famílias mais ricas. Nas famílias de assalariados, trata-se, muitas vezes, de ficar com os filhos menores de um casal para este poder emigrar sozinho. Espera-se ainda que o emigrante, na sua trajectória

para fora da pobreza, dê algum apoio a pais idosos ou pobres que ficam na aldeia de origem.

Em resumo, a análise de trajectórias diferenciadas permite-nos avançar com várias hipóteses de trabalho:

- Em primeiro lugar, as condições e as motivações à partida dos emigrantes de origem rural não são semelhantes. A influência da família e da classe social de origem estende-se de maneira diferenciada às expectativas e às finalidades da emigração, assim como às possibilidades concretas de realização dos desejos de investimento;
- Em segundo lugar, o significado da própria mobilidade geográfica no interior do percurso de vida pode ser diferente. No caso de José, filho de lavradores, trata-se de uma etapa de transição ou de passagem para um estatuto socioprofissional que já era o da sua família de origem. No caso das outras trajectórias, trata-se de tentar mudar ou melhorar a vida, dentro de um percurso que associa sempre "ganhar a vida" ao trabalho dependente.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, J. Ferreira, *Classes sociais nos campos. Camponeses parciais numa região do noroeste*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1986.
- ANTUNES, M. "Emigração portuguesa, mobilidade social e identidade cultural", in *Análise Social*, n.º 65, 1981, pp. 17-27.
- BERTAUX, D. *Destins personnels et structure de classe*, Paris, Puf, 1978.
- BOURDIEU, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique*, Genève, Droz, 1972.
- BREITTELL, C. *Men who migrate, women who wait. Population and history in a Portuguese parish*, Princeton, Princeton University press, 1986.
- DESCAMPS, P. *Le Portugal — La vie sociale actuelle*, Paris, Firmin-Didot, 1935.
- HAREVEN, T. K., ed. *Transitions: the family and the life-course in historical perspective*, New York/London, Academic Press, 1978.
- LALIVE d'EPINAY, C. "Temps, espace et identité socio-culturelle. Les éthos du prolétariat, des petits possédants et de la paysannerie dans une population âgée", in *RISS*, n.º 107, 1986, pp. 89-104.

- LALIVE d'ÉPINAY, C. "Récit de vie et connaissance scientifique", in *Recherches Sociologiques*, vol. XVI, n.º 2, 1985, pp. 237-248.
- MONTEIRO, P. *Terra que já foi terra*, Lisboa, Salamandra, 1985.
- NAVE, G. e Reis, M. "Emigrating peasants and returning peasants: emigration with return in a Portuguese village", in *Sociologia Ruralis*, n.º 1, 1986, pp. 20-35.
- TRINDADE, M.B. "Comunidades migrantes em situação dipolar", in *Análise Social*, n.º 48, 1976, pp. 983-997.
- VÁRIOS AUTORES *A família no contexto do fenómeno migratório*, Colóquio organizado na Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 1975.
- WALL, K. "La face cachée de l'immigration", in *Femmes au pays. Effets de la migration dans les cultures méditerranéennes*, Paris, Unesco, 1985, pp. 37-82.
- WALL, K. "Pour une sociologie des formes familiales dans la société rurale", in *Familles et contextes sociaux. Les espaces et les temps de la diversité*, Actes du Colloque de Lisbonne, Gref/CIES et AISLF, Lisboa, 1992.
- ZNANIECKI, F. e Thomas, W. *The polish peasant in Europe and America*, New York, Octagon Books, 1974 (ed. or. 1981/90)